

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

ADRIANA HEDY SIMIZU

O desenho:

Um instrumento de investigação psicopedagógica

São Paulo – 2009

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

COGEAE

ADRIANA HEDY SIMIZU

O desenho:
Um instrumento de investigação psicopedagógica

Monografia apresentada como exigência parcial para obtenção do Certificado de Especialização em Psicopedagogia – Curso de Pós-Graduação “Latu Senso” da PUCSP – COGEAE.

Orientadora: Prof^a Anete Busin Fernandes

São Paulo – 2009

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu esposo Paulo por toda paciência e compreensão, principalmente nos instantes finais da conclusão deste trabalho.

A minha mãe Delma e ao meu pai Nelson pelo amor e carinho que me deram em todos os momentos de minha vida.

A minha orientadora Anete que com toda sua receptividade colaborou com sua experiência, dedicação e paciência para a realização deste trabalho.

A todos que de uma forma direta ou indireta contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	05
CAPÍTULO 1	
O DESENHO COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO	
1.1 – O desenho como sistema de comunicação nos primórdios da humanidade	09
1.2 - O desenho como linguagem e forma de expressão	13
1.3 – O desenho como instrumento de análise e interpretação da subjetividade	16
CAPÍTULO 2	
A importância do desenho na intervenção clínica das dificuldades de aprendizagem	25
CAPÍTULO 3	
Estudo de caso a partir da análise de desenhos dentro de um enfoque psicopedagógico	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
BIBLIOGRAFIA	56
ANEXOS	58

INTRODUÇÃO

Quando vemos o desenho de uma criança, ou quando vemos uma criança desenhar, muitas vezes temos a pretensão de poder analisá-lo. Olhamos as formas, as figuras, as cores, os traçados e acabamos interpretando-o da forma que mais nos convém. Existem várias teorias e interpretações a respeito de representação gráfica infantil, assim como vários enfoques quando ela é analisada, seja por qual motivo for: pelo aspecto emocional e psíquico da criança, pela análise da linguagem gráfica tomada puramente pelo aspecto formal e simbólico, pela aplicação de desenhos em testes psicológicos ou até mesmo pela capacidade de o desenho demonstrar o seu desenvolvimento mental, mas esquecemos do mais importante, a história de vida do sujeito.

“No processo de construção do conhecimento, as crianças se utilizam das diferentes linguagens e exercem a capacidade que possuem de terem idéias e hipóteses originais sobre aquilo que buscam desvendar. Nesta perspectiva as crianças constroem o conhecimento a partir das interações que estabelecem com as outras e com o meio em que vivem. O conhecimento não se constitui em cópia da realidade, mas sim, fruto de um intenso trabalho de criação, significação e ressignificação.” (R.C.N. 1998 p.21)

Trabalho em uma escola de educação infantil e ensino fundamental ciclo I. Comecei a dar mais atenção aos desenhos das crianças e vi como o ele é de extrema importância para seu desenvolvimento. Comecei a observar como o desenho atuava frente às crianças. Algumas vezes, percebia claramente que, por meio do desenho, escondia-se uma atividade inconsciente profunda. Sendo assim,

penso tratar-se, o desenho, de uma produção no inconsciente do objeto representado. Creio ser também, em outros momentos, a expressão de um gesto mágico e algumas vezes reparador. Foi aí que surgiu o meu interesse por este tema.

O desenho é uma forma de representação que pode revelar o conteúdo da imaginação da criança. Ele constitui uma língua que possui o seu vocabulário e sua sintaxe e acaba propiciando à criança um contato consigo e com o universo. A criança, enquanto desenha, canta, dança, conta histórias, imagina... O ato de desenhar faz com que as crianças desenvolvam outras manifestações, possibilitando, assim, uma grande caminhada pelo mundo da imaginação.

É possível, por meio do que a criança desenha, compreender e reconhecer as fases pelas quais está passando. Ao desenhar, ela não só demonstra seu mundo interior, seus conflitos, seus medos, suas descobertas, suas alegrias, suas tristezas etc, como também os trabalha. Os processos pelos quais solucionam problemas tornam-se visíveis, percebe-se que, no ato de desenhar, pensamentos e sentimentos estão juntos e assim podemos compreender muitas coisas sobre como elas pensam sobre o mundo e lidam com o ele.

“É preciso perceber a necessidade de que a educação para as crianças deva promover a integração entre aspectos físicos, emocionais, afetivos, cognitivos e sociais da criança, considerando que esta é um ser completo e não dividido por partes isoladas”. (R.C.N. 1998).

É de extrema importância que a criança nos conte a história do seu desenho. Todo desenho tem uma história, é produzido por meio de algo, de uma motivação, seja ela consciente ou inconsciente. Precisamos ter sensibilidade e,

conhecimento sobre determinados fatos e estudos, para captarmos o que há de oculto no desenho.

O presente trabalho é uma proposta que pode ser entendida como uma contribuição na busca de um modo de entender o desenho da criança, ou seja, aquela que se preocupa com a constituição social da criança, de sua realidade, de sua imaginação e de seu desenho, tendo sido estruturado em três capítulos.

O primeiro capítulo trata da compreensão do desenho enquanto sistema de comunicação, como linguagem e forma de expressão, e nos leva a perceber sua importância quanto à constituição do sujeito e quanto ao seu desenvolvimento integral.

No segundo capítulo, abordei os procedimentos que podem ser utilizados na psicopedagogia para uma intervenção clínica das dificuldades de aprendizagem por meio dos aspectos importantes na linguagem e expressão do desenho.

O último capítulo aborda, também, a utilização do desenho como procedimento de intervenção psicopedagógica, valendo-se do desenho-estória feito por uma criança, com nove anos de idade, no qual poderei identificar alguns fatores que contribuem para o insucesso da criança na vida escolar, social e afetivo-emocional.

Enfim, por meio de referências bibliográficas e estudos de casos, o trabalho procura informar às pessoas que se interessam pelo assunto, e é apenas um pequeno recorte do imenso universo que envolve a psicopedagogia.

CAPÍTULO 1

O DESENHO COMO FORMA DE COMUNICAÇÃO

*“O desenho fala, chega mesmo a ser
uma espécie de escrita, uma caligrafia”.*

Mario de Andrade

1.1 - O DESENHO COMO SISTEMA DE COMUNICAÇÃO NOS PRIMORDIOS DA HUMANIDADE

“Para ampliar nossa concepção de desenho é necessário reavivar a memória individual e coletiva, a fim de fazer uma revisão dos caminhos do desenho na história do homem. Com isso estaremos revitalizando conceitos, investigando as várias formas de atividades em que o desenho se manifesta”. (Derdyk 1989 p. 26).

Uma das necessidades primordiais do ser humano é a comunicação. Desde seu surgimento, o homem tem deixado marcas impressas que representam sua vida, anseios, desejos, medos, lendas etc. O desenho, enquanto primeira manifestação gráfica de linguagem e de cultura na história da humanidade, é uma das primordiais formas de expressão. Deixado pelos vestígios e produtos culturais, contém importantes revelações sobre as primeiras tentativas de comunicação que foram feitas por meio de desenhos.

Os primeiros desenhos pintados, gravados ou esculpido datam dos tempos obscuros da pré-história, quando os glaciais cobriam ainda a maior parte da Europa Setentrional. Os arqueólogos descobriram vestígios de desenhos em numerosos locais da Europa, África e Ásia. Os exemplos mais conhecidos dos desenhos primitivos encontram-se em certos abrigos subterrâneos e grutas do Sul da França e da Europa Setentrional e Oriental, habitados no fim do Paleolítico¹, isto é, há cerca de doze mil a vinte mil anos.

1. Um dos períodos mais fascinantes da história humana é a Pré-História. Esse período não foi registrado por nenhum documento escrito, pois é exatamente a época anterior à escrita. Tudo o que sabemos dos homens que viveram nesse tempo é o resultado da pesquisa de antropólogos, historiadores e dos estudos da moderna ciência arqueológica, que reconstituíram a cultura do homem. A principal característica dos desenhos do Paleolítico (Idade da Pedra Lascada) é o naturalismo.

O clima, a fauna e a flora eram, então, muito diferentes dos tempos atuais. Uma parte desse período foi extremamente fria e seca: mamotes, bisontes, renas e cavalos selvagens constituíam a caça abundante dos primeiros caçadores. É por isso que predominavam as figuras de animais gravados ou pintados, principalmente, nas grutas do norte da Espanha e da França. Os desenhos e incisões foram muitas vezes realizados em salas quase inacessíveis, no fundo das grutas, o que nos permite pensar que essas salas eram santuários ou locais de cerimônias e assim utilizadas durante períodos muito longos. Os assuntos representados são, com poucas exceções, os animais de que se alimentavam esses povos primitivos. Pode-se ver nesses desenhos, representações destinadas a “assegurar” uma caça frutuosa.

Para o homem pré-histórico, a arte cumpria uma função de domínio mágico sobre as forças da natureza. Ao desenhar um bisão nas profundezas de uma caverna, supunha ter poderes sobre ele. Não havia distinção clara entre o objeto natural e o objeto artístico produzido. O homem pré-histórico não tinha consciência da produção simbólica, seu raciocínio pré-mágico levava-o a não diferenciar a ação artística da ação sobre a natureza. O desenho surge como uma forma de o homem comunicar aspectos do mundo circundante, sua experiência, sua memória e sua imaginação, em uma relação de espaço e tempo imediato.

“Todas essas designações simbólicas na escrita pictórica só podem ser explicadas como derivadas da linguagem gestual, mesmo quando, subseqüentemente, tornam-se separadas dela, funcionando de maneira independente”. (Vygotsky, 2007 p. 128).

Na civilização egípcia, o desenho tinha uma função religiosa. Grande parte dos desenhos, relevos e esculturas foram criados para sustentar a divindade do faraó, principalmente após a sua morte. Os relevos que decoravam as paredes das capelas mortuárias no interior das pirâmides mostram cenas da vida ideal que

se desejava para os mortos na sua eternidade. Por meio desses desenhos, os egípcios reasseguravam a crença da imortalidade da alma e eternizavam o “poder” dos faraós. As produções dos desenhos eram administradas pelos sacerdotes e possuíam leis rígidas de representação que se mantinham por várias dinastias.

Observando os exemplos anteriormente mencionados, pode-se notar que o desenho sempre fez parte da vida do homem, apresentando-se com significados diferentes conforme a cultura na qual foi produzido, porém configurando-se como uma primeira manifestação do sistema de linguagem e comunicação.

OS PICTOGRAMAS E OS IDEOGRAMAS

A construção simbólica de uma rede de signos e de significações organizados por meio de traços constitui o desenho como sistema semiótico e o define como linguagem. Desenho é linguagem.

Um meio de expressão, uma imagem, um gesto era um instrumento, tanto quanto um machado ou uma faca, em um processo de imitação, portanto, de natureza comunicativa, o desenho era outra forma de estabelecer o poder do homem sobre a natureza e o desenvolvimento das relações sociais.

No começo, o homem utilizou o desenho na sua expressão elementar de traço para construir e significar seu mundo circundante, desenvolvendo formas de expressão e transmissão do conhecimento, de produção da cultura, aperfeiçoando a comunicação escrita com auxílio dos pictogramas.

Os pictogramas são desenhos complexos, ou uma série de desenhos que fixam um conteúdo sem se referirem à sua forma lingüística. Este tipo de escrita foi utilizado, por exemplo, pelos índios da América e pelos esquimós. Era usado para ilustrar situações concretas. Essa forma de representação naturalista e figurativa do mundo visível marcaria profundamente a evolução do homem até as formas de escrita ideográfica.

A necessidade mais proeminente de comunicar feitos ou coisas que se deu por intermédio da representação de idéias abstratas por meio de imagens, fez com

que surgisse a escrita, primeiramente representando os objetos em si mesmos e posteriormente, com o desenho dos signos, surgiu a escrita ideográfica, que consistiu em representar as idéias e os objetos por imagens distintas, evoluindo para escrita fonética.

Cada um dos ideogramas não representava apenas um objeto, mas sim muitas noções abstratas, que de uma forma ou de outra estavam relacionadas com ele. Esse mesmo aspecto pode ser observado no desenho infantil, cuja base evolui do traço ao ideograma, para mais tarde se consolidar na representação figurativa de modelos que são apreendidos culturalmente na relação com o adulto, com a escola e com outras crianças. É um aspecto de fundamental importância, pois representa, em desenhos, as interações com o meio em que vivem.

... ficou absolutamente clara a tendência, por parte das crianças em idade escolar, de mudar de uma escrita puramente pictórica para uma escrita ideográfica, onde as relações e significados individuais são representados através de sinais simbólicos abstratos. (Vygotsky, 2007 p. 137).

É por meio da pictografia e dos ideogramas que se tem o “nascimento” do desenho e da arte, que se desenvolveria mais tarde com a pintura, escultura e artes plásticas. Com o desenho, o homem tornaria possível a manifestação da idéia e do próprio desenvolvimento da cultura gráfica na produção da imagem. Assim, é com a internalização dos modelos gráficos, da representação do espaço, da projeção, da perspectiva e, particularmente, da imagem, mediada pelos sistemas simbólicos e pela linguagem na comunicação, e conseqüentemente produção cultural, que o desenho exerce importante papel.

O desenho, uma linguagem tão antiga e tão permanente, atravessa a história, atravessa todas as fronteiras geográficas e temporais, escapando da polêmica entre o que é novo e o que é velho. Fonte original de criação e invenção, o desenho é exercício da inteligência humana.

1.2 – O DESENHO COMO LINGUAGEM E FORMA DE EXPRESSÃO

O desenho é um meio criativo de expressão de sentimentos e inquietações que movem o ser humano. É uma produção humana que traduz uma das mais belas capacidades de o sujeito brincar com os sentimentos, criar o novo a partir do velho, o inesperado do conhecido, de transfigurar o imutável. O desenho é um dos procedimentos mais eficaz de traduzir o sentido da vida, e o homem vem fazendo uso disso desde os tempos da caverna, quando ocupava seu tempo registrando, com carvão, nas paredes de pedras, a percepção de suas experiências.

O desenho assumiu um papel mágico na vida do ser humano. Seja para o homem das cavernas, seja para arquitetos, seja para estilistas, seja para elaboração de desenhos industriais, seja para grafiteiros, o desenho sempre tem um traçado, uma ilustração e, por mais simples que seja, transmite sua autonomia e sua capacidade de comunicação e expressão.

Sendo as artes plásticas, em especial o desenho, uma forma de expressão sem palavras, elas permitem um engajamento caracterizado por uma maior “soltura” do sujeito. Por meio da produção criativa incentivada pelo desenho, o sujeito pode dizer de si, sem perceber, isto porque a minha produção não sou eu, mas nela se materializa aquilo que eu desconheço em mim e diz respeito à minha verdade enquanto sujeito. Com o auxílio dos traços, que são formas de expressão sem palavras, estabeleço marcas para o que há em mim de mais desconhecido.

O desenho é a manifestação de uma necessidade da criança agir sobre o mundo que a cerca. Mesmo sendo indecifráveis para nós, seus desenhos provêm de uma intensa atividade do imaginário. O corpo inteiro está presente na ação, concentrado apenas no lápis e no papel, o que mostra que há comunicação entre o corpo e o papel.

O desenho acompanha a rapidez do pensamento, responde às urgências expressivas, manifesta o desejo da representação, mas também, antes de tudo, é medo, é opressão, é alegria, é curiosidade, é afirmação, é negação. Ao desenhar, a criança passa por um intenso processo vivencial e existencial.

A partir do desenho livre, a criança desenvolve noções de espaço, tempo, quantidade, seqüência, apropriando-se do próprio conhecimento, que é construído

respeitando seu ritmo. Aprende também a função social da escrita, pois sua comunicação, feita por meio do desenho, pode ser compreendida por outras pessoas antes que ela aprenda a usar a escrita convencional.

O mundo para as crianças está em torno e não somente adiante, atrás, na frente ou ao lado. Está em todos os lugares simultaneamente. O espaço emocional traz para bem perto ou leva para bem longe os objetos dotados de afeto, independentemente de sua real posição física. O espaço emocional dita as hierarquias afetivas através da dimensão das formas. Por exemplo, o clássico “desenho da família”, em que um dos membros é muito maior ou muito menor quando comparado aos demais. É a expressão do conteúdo emocional ou simbólico da criança manifestado pela maneira de representar, figurar e nos apresentar os membros de sua família. (Derdyk, 1989 p. 78).

O desenho entra na categoria de jogo simbólico ou imaginário quando permite à criança expressar um pensamento individual.

Rabiscos, garatujas, girinos, sóis, árvores, desenhos de raios x² etc, e a cada traçado, cada vez mais evoluído e mais próximo do que podemos chamar de “real”. São as representações de como a criança vê e lê o mundo, de como ela enxerga sua vida e expressa o que sente. Segundo Vygotsky (2007), as crianças não desenharam o que veem, mas sim o que conhecem.

2. Desenhos de raios x, são desenhos onde a criança pode desenhar uma pessoa vestida e, ao mesmo tempo, desenhar suas pernas, sua barriga, seu umbigo, etc, ou seja, as coisas que ela sabe que existem, mas que, de fato, no caso, não podem ser vistas. (Vygotsky, 2007. p. 135).

Expressar-se por meio do desenho é colocar sua vida no papel. O desenho é um meio de expressão que o ser humano possui.

O desenho é interpretado por Vygotsky (1989) como um estágio preliminar do desenvolvimento da escrita, tendo ambos as mesmas origens de construção: a linguagem falada. Enquanto a escrita não oferece segurança para refletir o pensamento desejado, a criança emprega o desenho como o meio mais eficiente para exprimir seu pensamento. Então, em cada período do desenvolvimento infantil, a imaginação atuará de maneira tal que respeite a escala de seu desenvolvimento.

“O resultado gráfico do desenho, às vezes pode até não corresponder ao alto grau de intensidade vivida no ato de desenhar. Mas, com certeza, manifestam-se operações mentais como: imaginar, lembrar, sonhar, observar, associar, relacionar, simbolizar, representar”.
(Derdyk, 1989 p. 121).

Ao desenhar, a criança exterioriza suas alegrias, suas dores, superando assim os traumas numa espécie de grito gráfico, desabafando as angústias que a realidade lhe impõe. Uma realidade consciente, porém muitas vezes inconsciente, que bate forte internamente, deixando cicatrizes bem profundas.

É muito comum ouvir de crianças: “não posso falar o que estou sentindo, porque você não vai entender”, “não quero falar disso”, quando são solicitadas a contar o que está se passando com elas, ao apresentarem tristeza ou, agressividade no seu meio social. Exteriorizar sentimentos oralmente é muito difícil e muitas vezes o adulto não consegue alcançar a compreensão esperada devido ao reduzido vocabulário infantil ou ao medo de contar o que é seu segredo. Entretanto, se dermos uma folha de papel e lápis nas mãos delas, não limitam sua narrativa somente com traçados e cores. O papel torna-se seu melhor amigo, deixa-se cobrir com imagens espontâneas e sinceras. “Falar” dessa forma fica mais fácil, pois não há palavras, o registro pelo desenho não tem represálias, a

necessidade de expressar ignora as consequências, pois é o suporte que mostra as imagens, assim como é a boca que narra os fatos. Estando o suporte separado do corpo, é melhor que ele conte a história e isso, de certa forma, exime o desenhista de maiores responsabilidades.

A liberdade experimentada por meio do desenho eleva e enleva o ser, que se compromete e procura as imagens nos íntimos segredos. Confronta-se consigo mesmo e se compreende em cada traçado, em cada cor impressa, nessa aventura silenciosa e estimulante. Portanto, palavras não bastam, principalmente no mundo das crianças, onde é grande a dependência do adulto, adulto que nem sempre alcança o nível de seus próprios sentimentos.

1.3– O DESENHO COMO INSTRUMENTO DE ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DA SUBJETIVIDADE.

“O emprego do desenho como Técnica Projetiva levou a se descobrir que os conflitos mais profundos, frequentemente, se refletem mais profundamente no papel” (Campos, 2007 p. 23).

O inconsciente deve ser concebido, não como uma primeira consciência, mas como um sistema munido de conteúdos, mecanismos e energias específicas; é o lugar onde estão os conteúdos ausentes do campo da consciência, conteúdos que são quase sempre reprimidos.

A leitura das manifestações simbólicas, das questões inconscientes, ajuda-nos a trabalhar com crianças que tenham problemas de aprendizagem, mas é necessária uma postura investigativa, uma constante busca por respostas que a criança por meio de suas atitudes e construções, pode nos oferecer.

O desenho é um suporte muito eficaz, pois traduz uma visão, um pensamento. É uma interpretação pessoal da criança sobre uma imagem ou fato, em que se relacionam significados, atribuições pessoais e experiências de vida.

Os desenhos refletem com muita sensibilidade a situação de estresse pela qual a criança está passando. Portanto, o modo como a criança desenha não é somente um símbolo arbitrário que representa um objeto; do mesmo modo que uma palavra representa um objeto, deve haver alguma semelhança entre o desenho e o que ele representa.

“As investigações assistemáticas do simbolismo do desenho, os “insights” da psicanálise levaram, tanto leigos quanto clínicos, a se tornarem progressivamente conscientes do fenômeno de que o inconsciente se revela através de aspectos simbólicos do desenho.”
(Campos, 2007 p. 16).

Analisar um desenho não é o mesmo que interpretá-lo, pois existe uma grande diferença entre os termos: análise e interpretação.

A análise responde a um enfoque técnico e racional e se fundamenta em bases solidamente comprovadas; já a interpretação dos desenhos das crianças é o resultado ou a síntese dessas análises. Tanto a análise como a interpretação têm muitos pontos em comum, como a orientação espacial, a pressão dada ao lápis, o uso das cores, entre outros.

O desenho, segundo BÉRDARD (1998), representa em parte a mente consciente, mas também, e de uma maneira mais importante, faz referências ao inconsciente.

No início da infância, ou seja, entre um ano e meio e dois anos, a criança experimenta muito mais do que se expressa. No início, o fato de sustentar um lápis na mão já é uma proeza. À medida que vai crescendo, o desenho se transforma num jogo. Com isso, aos poucos, a criança começa a controlar seus traços e assim se torna capaz de se expressar por meio deles.

Sem perceber, ela transporta seu estado anímico ao papel. Não é conveniente obrigá-la a desenhar, se ela não se sente com vontade de fazê-lo. O desenho deve ser feito sempre por prazer, nunca por obrigação.

É recomendável deixar que sua imaginação se manifeste com toda liberdade. Em algumas crianças, o desejo de expressão canaliza-se por outros meios como cantar ou dançar. Cada uma encontrará o que mais lhe convier.

Comparando desenhos de meninas e meninos, pude observar na escola onde trabalho, que os desenhos das meninas possuem mais detalhes do que os meninos, embora não se considere que haja muita diferença. Isso acontece pelo fato de que o amadurecimento se dá em ritmos diferentes, segundo os sexos.

“No procedimento do Desenho-Estória o sujeito transmite experiências subjetivas a respeito de vários aspectos de sua personalidade...” (Trinca, 2003 p. 22).

Ao tentar explicar por que as crianças brincam, Winnicott (1989) disse que seria por prazer, para escoar ódio e agressão, dominar angústias, adquirir experiências, melhorar a integração da personalidade, dominar as relações sociais, entre outros fatores.

O desenho, como uma forma de jogo, tem sua parte em tudo isso. O procedimento do desenho vem sendo usado não só para revelar a personalidade da criança como também para avaliar ajustes ou distúrbios emocionais. Esse procedimento serve como instrumento auxiliar na compreensão clínica do cliente. É um instrumento com características próprias, por isso entendemos que se trata de um auxiliar de ampliação da investigação da personalidade por auxílio de dados clínicos adicionais.

Enunciarei, a seguir, algumas idéias expostas por alguns autores que pesquisei a respeito de certos dados que julgo serem essenciais para a interpretação e análise de alguns aspectos gerais dos desenhos, lembrando sempre que, antes de interpretar os desenhos das crianças, não podemos nos esquecer de levar em consideração a sua vida socioeconômica e cultural.

1.3.1 – A FERRAMENTE PRINCIPAL: O LÁPIS

A escolha de um lápis durante uma terapia ou teste, já é um dado de relevante observação. A terapeuta pode entregar diversos lápis de diversos tamanhos, entre os quais a criança poderá optar por um de ponta grossa ou de ponta fina, um de tamanho médio, pequeno ou grande, ou também lhe poderá ser entregue um lápis sem ponta e deixar que ela se manifeste diante da terapeuta pedindo um apontador.

Nas crianças, a preferência é pelo giz de cera, lápis de madeira ou aquarela.

Segundo BÉRDARD (1998), a criança que, ao crescer, continua preferindo aquarela ou giz de cera, demonstra potencial e inclinação para desenvolver trabalhos manuais. Agrada-lhe o que suas mãos transmitem ao papel. Concede mais importância ao que ocorre na ponta dos dedos do que ao que se passa na sua cabeça. É o que quer ver são resultados concretos.

Ao contrário, a criança que prefere o lápis de madeira, sempre bem apontado, dá mais importância à reflexão. Suas tendências levam-na até a buscas mais intelectuais e mais racionais.

1.3.2 – LOCALIZAÇÃO NO PAPEL

O espaço superior da folha representa a cabeça, o intelecto, a imaginação, a curiosidade e o desejo de descobrir coisas novas. A parte inferior, por sua vez, informa-nos sobre as necessidades físicas e materiais que a criança possa ter. O lado esquerdo indica-nos que seus pensamentos giram em torno do passado, inibição ou controle intelectual; o lado direito representa os seus anseios futuros, extroversão e as crianças que desenharam no centro do papel, indicam serem pessoas ajustadas mostram-se mais autodirigidas, autocentradas, estão abertas a tudo que ocorre ao seu redor.

Segundo BERDARD (1998), cada criança demonstra um pouco de si por meio dos seus desenhos, embora o faça de forma impensada e inconsciente.

1.3.3 – A TRANSPARÊNCIA

Os desenhos com transparências são aqueles em que aparecem elementos transparentes, como uma casa cujo interior pode ser visto. Quer talvez indicar-nos duas coisas:

A primeira delas nos mostraria uma criança inteligente e intuitiva, capaz de perceber os pensamentos dos demais ou de prever a evolução de uma situação determinada.

Já a segunda, menos favorável, revela-nos uma criança inclinada às mentiras e acostumada a camuflar seus pensamentos; além disso, é totalmente consciente do seu comportamento, o que a faz sentir certa culpabilidade. Nesse caso, ela demonstra interesse em ser “desmascarada”, como se com o desenho, estivesse dizendo: “Olha o que escondo. Ajude-me, por favor”.

É natural até cinco, seis anos de idade; após essa idade, a figura é desenhada sem transparência.

1.3.4 – A CASA

Existem vários detalhes nos desenhos de casas que nos devem chamar atenção, como o número de janelas, a fumaça da chaminé, a fechadura, a posição da porta, entre outros.

O tamanho das casas nos revela que a criança está vivendo uma fase mais emotiva do que racional. Uma casa exageradamente pequena pode mostrar uma criança que vive um momento introspectivo, no qual ela, quem sabe, estará delineando algumas perguntas. Em geral, o tamanho das casas demonstra a maneira como as crianças entram em contato com seu ambiente.

A porta é o detalhe da casa por meio do qual é feito o contato direto com o ambiente. Quando muito pequena, demonstra que a criança é bastante seletiva com seus amigos e parentes, no entanto, uma porta muito grande é sinal de boas vindas, como se a vida fosse uma festa contínua.

Nem todas as crianças desenham casas com chaminés, mas quando essas existem, a fumaça que sai delas nos revela o tipo e o grau de emoção que prevalece no lar, na família ou no ambiente em que vivem. Se a fumaça formar uma nuvem densa e escura, pode ser o sinal de uma relação não muito favorável, e um traço excessivamente fino pode nos levar a pensar em duas possibilidades ou o fogo apagou ou acabou de acender neste preciso momento. A chaminé é um símbolo fálico, que aparece com frequência nos desenhos de meninos.

Quanto mais alegre pareça a casa, principalmente pelas cores usadas, melhor demonstrará o momento que a criança está vivendo, assim podemos deduzir que o ambiente familiar é positivo.

De forma bem resumida, pode-se dizer que o desenho da casa assume, na maioria das vezes, as seguintes significações:

- Constitui um auto-retrato, expressando as fantasias, o ego, a realidade, os contatos, a acessibilidade, a ênfase oral, anal ou fálica como elementos.
- Expressa a percepção da situação no lar, presente, desejada para o futuro, ou uma combinação de todas as formas.
- Representa as emoções vividas a partir do ponto de vista social, transmite informações importantes do seu ambiente.

1.3.5 – AS FIGURAS HUMANAS

Como em todos os outros, este é um item que evolui de acordo com a faixa etária da criança. Na maioria dos casos, a figura humana representa a própria criança, ou melhor, aquelas pessoas que compõem o seu ambiente mais íntimo.

A proporção simboliza o valor que o propósito atribui à figura humana desenhada. Se a mãe é desenhada em tamanho maior do que os outros membros

da família, ela é tomada como figura dominante, ou pode representar um ideal. Quando a figura é menor, é um sinal de compensação, rebeldia, sentimento de menos valia.

Os traços mais importantes a serem observados são: o rosto, a posição dos braços e dos pés. É muito comum o aparecimento de “homens palitos” e, nesse caso, a criança nos revela dar muito pouca importância à figura humana em si e quer que nos atentemos a outros elementos do seu desenho.

Olhos desenhados com traços muito grandes nos dão a impressão de crianças que são extremamente curiosas, ao mesmo tempo em que olhos muito pequenos podem demonstrar pequeno interesse em notar o que acontece a seu redor.

A posição dos braços também nos revela dados interessantes: quando estão voltados para cima, podem significar que a criança quer ser ouvida. O fato de levantar o braço mostra o desejo de chamar a atenção, de pedir uma resposta imediata. Quando os braços se apresentam caídos, colados ao tronco, em inúmeras atividades, podem ser o indício de que a criança está passando por um momento delicado, no qual não procura nenhum tipo de contato social.

Pernas e pés são fontes de conflitos e dificuldades. A recusa em completar o desenho além da cintura, ou em usar poucas linhas para completá-lo, indica perturbação sexual. Os pés indicam segurança geral do indivíduo em caminhar no meio ambiente. A ausência dos pés geralmente demonstra uma busca pela estabilidade, chegando a ser essa criança muito dependente do seu meio.

1.3.6 – A ÁRVORE

Ao interpretar o desenho de uma árvore, é possível observá-lo como um todo intuitivamente: mesmo sem muitos detalhes, pode-se ter uma impressão geral do desenho como harmonia ou inquietação, vazio, nudez, plenitude ou ter hostilidade. Quando se desenha uma árvore, o conhecimento da natureza faz com que tudo que se relaciona com a personalidade seja projetado no tronco e nos

galhos mais claramente do que nas folhagens. A árvore é o mais importante de todos os elementos contidos nos desenhos das crianças afeta tanto o aspecto emotivo como o físico e o intelectual. A árvore sempre fez parte integrante da história do homem; podemos encontrá-la em diversas regiões e com diversos nomes como, por exemplo, “a árvore da vida”, “a árvore do conhecimento”, “árvore do fruto proibido” etc.

O tronco representa o sentimento de poder básico e força interior do sujeito, “Força do ego”, como diz a terminologia psicanalítica. A base do tronco nos revela a energia física da criança, assim como o tipo de estabilidade que lhe traz o meio ambiente. A criança assemelha-se ao tronco da árvore que desenha e assim transporta para o desenho sua percepção social e nos indica o lugar que ela ocupa socialmente.

A partir dos cinco anos, é frequente que a criança desenhe um círculo no centro do caule das árvores, o que representa, do ponto de vista social, um despertar para a sexualidade.

Os galhos e ramos representam os recursos subjetivos do indivíduo para buscar satisfação no ambiente, para aproximar-se dos outros. Representam os membros da árvore que equivalem, no autoconceito do indivíduo, aos braços no desenho da pessoa.

As folhas revelam a imaginação e a criatividade. Toda imaginação fértil tem necessidade da seiva para alimentar o espírito.

1.3.7 – O SOL

O sol representava, antigamente, a figura do pai, mas, com o passar dos tempos, essa interpretação modificou-se. O sol aparece nos desenhos das crianças com muita mais frequência do que a lua e as estrelas. Representa a energia masculina e define o nosso lado combativo e independente.

Geralmente, quando situado à esquerda do papel, representa o passado e também um vínculo com a mãe; pode representar a influência de uma mãe

independente, que age sem levar em consideração os demais. Os raios muito grandes mostram uma mãe envolvente em demasia que quer impor sua vontade e controlar tudo.

Quanto mais fortes forem os raios do sol, mais demonstram o grau de envolvimento que essa mãe ou esse pai, tem sobre a criança. O sol sem raios representa perda de entusiasmo e até de autonomia

O sol situado à direita do papel revela a percepção que a criança tem a respeito de seu pai. Já o sol situado no centro do desenho, representa o próprio indivíduo, que pode estar passando por um momento desarticulado na família e acredita que ele tem o caráter e o potencial necessário para tomar a frente da situação.

1.3.8 – A AVALIAÇÃO DO DESENHO

Para realizar uma interpretação detalhada e avaliativa dos desenhos, é necessário utilizar-se de vários desenhos realizados pela criança durante um certo período de tempo. Em geral, um só desenho nunca será suficiente para avaliar seus pontos fortes, debilidades e necessidades.

A finalidade desses conhecimentos sobre alguns detalhes dos desenhos das crianças não deve ser encontrar problemas, mas sim ajudar a captá-los o mais exatamente possível. O comportamento, as atitudes e expressões são alguns pontos de extrema importância que devemos observar nas crianças durante a execução do desenho, pois inconscientemente, transmitem detalhes importantes que ajudam na interpretação.

Os dados interpretativos dos desenhos nos permitem incrementar consideravelmente nossas informações sobre o temperamento, o caráter, a personalidade e as necessidades de cada criança, levando em consideração que eles não são verdades absolutas e devem ser considerados como um dos ricos instrumentos que investiga a personalidade de cada criança e devem ser estimulados a existirem sempre, como uma rica forma de expressão de criatividade e de vida.

CAPÍTULO 2

A importância do desenho na intervenção clínica das dificuldades de aprendizagem

“O verdadeiro limite do desenho não implica de forma alguma o limite do papel, nem mesmo pressupondo margens”.

Mário de Andrade

“... é na atividade lúdica que a criança também pode conviver com os diferentes sentimentos que fazem parte da sua realidade interior”. (Parâmetro Curricular Nacional, 1996 p. 92).

O desenho infantil tem sido objeto de estudo de muitos especialistas, pelo fato de a representação gráfica ser considerada um meio para o acompanhamento e a compreensão do desenvolvimento geral da criança. Constitui um campo extremamente útil à psicopedagogia, visto que faz com que haja uma maior atenção sobre este objeto. Esse desenvolvimento ocorre pelo fato de que a imagem, em todas as suas formas, tem ocupado cada vez mais um papel importante na comunidade e na interação social.

Comparando o diagnóstico psicopedagógico com o processo de investigação, o psicopedagogo assemelha-se a um detetive à procura de pistas, selecionando-as e centrando-se na investigação de todo o processo de aprendizagem, levando sempre em conta a totalidade dos fatos envolvidos. O diagnóstico psicopedagógico é em si uma intervenção, pois o psicopedagogo tem que interagir com o cliente, a família e a escola, uma vez que são partes envolvidas na dinâmica do problema.

As representações simbólicas conduzem a uma descentralização progressiva, na qual tanto a criança como o objeto se transformam em sistemas abertos cada vez mais dinâmicos e interativos. A utilização do desenho no diagnóstico e investigação psicopedagógica tem a grande vantagem de ser de fácil administração, não exige outros materiais além de papel e lápis, pode ser aplicado em qualquer lugar, ainda que os recursos econômicos sejam poucos. É bem aceito pelas crianças e, algumas vezes, com restrições por adolescentes. Não existe contra indicação ou limite quanto à idade, sexo, classe social ou nível de inteligência.

“O uso do desenho em Psicopedagogia aproveita uma forma da criança expressar-se espontaneamente, satisfazendo seus desejos de atividades lúdica”. (Weiss, 2004 p. 120).

A psicopedagogia tem por objetivo compreender, estudar e pesquisar a aprendizagem nos aspectos relacionados com o desenvolvimento e ou problemas de aprendizagem. Nesse âmbito, a aprendizagem é entendida como decorrente da construção de um processo, que implica questionamento, hipótese, reformulações, enfim, implica dinamismo.

Rubinstein nos diz que a psicopedagogia tem como meta compreender a complexidade dos múltiplos fatores envolvidos nesse processo. (apud Sisto; 1996, p. 120).

A consideração acima demanda que, na avaliação das dificuldades de aprendizagem, utilizem-se e ampliem-se procedimentos que possam trazer, além de elementos sobre aspectos instrumentais, dados sobre os movimentos e transferências do paciente em relação à tarefa, à aprendizagem e ao professor, capazes de orientar melhor o trabalho psicapedagógico.

“O psicopedagogo – investigador deverá ir fazendo uma ponte entre as diferentes modalidades expressivas do sujeito, procurando entender o sentido das mesmas, as possibilidades e recursos do aprendiz, quais as melhores condições para o aprender, além de observar as suas possíveis limitações”. (Rubistein apud Sisto, 1996 p. 136).

Campo vasto de aplicações variadas, o desenho, pela sua simbologia, é utilizado como instrumento de diagnóstico. Todo diagnóstico é em si uma investigação, é uma pesquisa do que não vai bem com o sujeito em relação a uma conduta esperada. Será, portanto, o esclarecimento de uma queixa, do próprio sujeito, da família e da escola.

“O exame das provas projetivas permitirá, em geral, avaliar a capacidade do pensamento para construir, no relato ou no desenho, uma organização suficientemente coerente e harmoniosa como para veicular e elaborar a emoção; também permitirá avaliar a deteriorização que se produz no próprio pensamento, quando o quantum emotivo resulta excessivo. O pensamento incoerente não é a negação do pensamento, ele fala ali mesmo onde se diz mal ou se diz nada, e isso oferece a oportunidade de determinar a norma no incongruente e saber como o sujeito ignora”.
(Pain, 1985, p. 62).

O que se procura é descobrir como o sujeito usa seus próprios recursos cognitivos a serviço da expressão de suas emoções ante os estímulos apresentados pelo terapeuta. O fundamental é a “leitura psicopedagógica” dessas situações e produtos, para assim detectar o que está empobrecendo a aprendizagem ou a produção escolar.

Observando da observação do desenho da criança, pode-se obter dados sobre seu desenvolvimento geral, assim como levantar hipóteses de comprometimento afetivo-emocional, intelectual, perceptivo e motor em suas múltiplas interferências.

A expressão gráfica é uma manifestação da totalidade cognitiva e afetiva. Quanto mais a criança confia em si e no meio, mais ela se arrisca a criar e se envolver com o que faz. Quando não se sente segura, tenta buscar um apoio externo, procurando proximidade física, sorrisos, olhares com a pessoa que está com ela enquanto desenha, ou, ao contrário, isola-se e distancia-se, negando a presença do outro. Ela também pode buscar conversas confirmando se está fazendo corretamente, se é assim que se faz, pode até vir a pedir idéias e modelos para seguir.

Numa avaliação psicopedagógica, é importante que se saiba observar o quanto e como a capacidade de envolvimento, de concentração e de prazer em criar estão presentes. É fundamental analisar o processo de produção, a postura corporal, a motricidade fina, o ritmo de trabalho, a forma de elaborar as figuras e a cena.

“O desenho é uma forma de função semiótica que se inscreve a meio caminho entre o jogo simbólico, cujo mesmo prazer funcional e cuja mesma autotelia apresenta, e a imagem mental, com a qual o esforço de imitação do real”. (Piaget, 1975, p. 5).

Partindo do princípio de que o homem é um animal tipicamente simbólico, é preciso analisar como esses símbolos se formam, como são as atividades do ego tentando lidar com as ansiedades provocadas por suas relações com o objeto.

Para conhecermos a estrutura mental, o nível de desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional, devemos observar a ação da criança. O desenho, como brincadeira simbólica, possibilita-lhe condições de representar situações carregadas de afetos e emoção e de se aproximar de conteúdos inconscientes que a angustiam. Há também possibilidade de vivenciar os medos e as tensões do outro, de inverter papéis, de compreender melhor as relações vividas. Isso ocorre por ser, o desenho, um elemento fronteiro, por estar entre a realidade e a fantasia, entre o eu e o outro, entre o consciente e o inconsciente.

“A experiência artística, expressão da alma e da percepção que o homem, apresenta como recurso importante para ampliar a aprendizagem daquele que se relaciona com o outro, e aprende a partir dessa relação”. (Allessandrini, 1996, p. 30).

Toda vez que a criança desenha, tende a revelar-se, pois, para ela, o desenho é mais um veículo para exprimir idéias do que uma técnica de produção artística. As crianças que rabiscam seus desenhos, ficam envergonhadas diante de sua produção ou fazem uma figura estranha e contorcida, devem ser observadas, pois são possíveis portadoras de sintoma de comportamento perturbado ou de problemas emocionais, nesse caso devem ser encaminhadas ao psicólogo.

Descreverei, a seguir, algumas técnicas que podem ser utilizadas no diagnóstico e na intervenção psicopedagógica, utilizando-se do desenho feito com qualquer material; geralmente utiliza-se lápis preto, lápis de cor e folha de sulfite branca, mas pode ser usado aquarela, giz de cera, entre outros.

O *par educativo* é um importante instrumento na avaliação psicopedagógica. Nesse procedimento, podemos levantar dados a serem interpretados nos aspectos latentes e manifestos. Ele verifica o vínculo que a criança estabelece com a aprendizagem, analisa a produção gráfica e o relato nos aspectos afetivos, cognitivos e motores. Efetua uma análise do relato verbal e do grafismo do sujeito, buscando estabelecer uma correlação entre os mesmos, verificando se há vínculo parcial, ausente ou afetivo. Para executar essa técnica, pede-se a seguinte consigna: “Desenhe duas pessoas: uma que ensina e outra que aprende”; depois de executada a tarefa, pede-se que de o nome e a idade para cada personagem desenhado, depois solicita-se que conte uma história sobre o desenho. É possível interpretar relações ensinantes-aprendentes, o papel vivido na escola, em turma, as situações escolares, ameaças da figura do professor etc. Esse instrumento pode ser aplicado em sujeitos de idade não inferior a seis anos (com exceções) até a idade adulta.

O *jogo dos rabiscos*, é um instrumento desenvolvido por Winnicott, como forma de estabelecer uma conexão paciente-terapeuta e problemática. Para essa técnica, o terapeuta traça um rabisco qualquer no papel e pede para o paciente continuá-lo, transformando-o em algo; depois pede para que o paciente trace um

rabisco para o terapeuta continuar. Após o término de cada desenho, pergunta-se para o paciente com o que se parece, e, com os resultados de cada desenho, é possível trabalhar a problemática orgânica ou emocional que desorganiza o pensamento, verificar os pontos de desequilíbrio no sujeito que expliquem o processo de recalque do pensar (bloqueios cognitivos) e obter dados a respeito do significado do desenho realizado e seus significantes para o processo de aprendizagem. Essa técnica pode ser aplicada em sujeitos de idade não inferior a cinco anos (com exceções) até a idade adulta.

Desenho de família com estória é um instrumento de investigação psicodiagnóstica, do qual se pode, também, fazer uso terapêutico, tendo por base vários desenhos de família. Uma de suas principais características consiste em detectar conteúdos inconscientes e conscientes que se referem às relações do sujeito com os objetos internos e externos pertencentes a seu mundo familiar, seus aspectos afetivos nas relações familiares. Levanta o tipo de vínculo que permeia o processo de aprendizagem de vida, transferindo-o para as situações de aprendizagem escolar. Detecta outros fatores oriundos da dinâmica familiar que possam vir a auxiliar a construção ou confirmação de hipóteses sobre as possíveis causas do “não-aprender”. Para executar esse instrumento, realiza-se uma série de quatro desenhos: “Desenhe uma família qualquer”, “Desenhe uma família que você gostaria de ter”, “Desenhe uma família em que alguém não está bem” e “Desenhe sua família”. Após executada a tarefa, pede-se que de o nome e a idade para cada personagem desenhado e, depois solicita-se que conte uma história, após a realização de cada desenho. Emprega-se esse instrumento em crianças a partir de seis anos. Anteriormente a essa idade, pode-se obter sinais gráficos impregnados de simbolismo, cuja elucidação dependerá da habilidade do aplicador e o inquérito dependerá da predisposição do sujeito para fornecer dados de interpretação.

Desenho-estória é um instrumento bastante utilizado para verificar, por meio da análise dos conteúdos manifestos e latentes no desenho, os aspectos

afetivos, cognitivos, motores e emocionais que elucidam a dificuldade de aprendizagem. Observar o desenho como um todo e interpretá-lo, levantando em consideração as hipóteses obtidas na aplicação de outros instrumentos. É característico dessa técnica o uso das associações livres por parte do terapeuta, com o objetivo de tentar atingir a exploração de aspectos inconscientes do paciente. O desenho-estória reúne e utiliza informações oriundas de técnicas gráficas de modo a se constituir em nova e diferente abordagem da vida psíquica. Para executar essa técnica, dá-se a seguinte consigna: “Faça um desenho qualquer, desenhe o que você quiser”. Depois de executado o desenho, solicita-se que conte uma história sobre ele. Emprega-se esse instrumento em crianças a partir de cinco anos. Antes dessa idade, possível obter sinais gráficos impregnados de simbolismo, cuja elucidação dependerá da habilidade do aplicador, e o inquérito dependerá da predisposição do sujeito para fornecer dados.

Todos os instrumentos citados acima podem ser aplicados várias vezes durante a intervenção psicopedagógica.

No próximo capítulo, irei relatar estudos de casos com o instrumento do desenho-estória com crianças em idades diferentes, por meio dos quais poderei mostrar um pouco mais sobre esse importante instrumento na intervenção psicopedagógica.

CAPÍTULO 3

Estudo de caso a partir da análise de desenhos dentro de um enfoque psicopedagógico.

“A arte não imita o visível,
torna visível”

Paul Klee

Neste capítulo, serão apresentadas as representações gráficas de uma criança considerada “com dificuldades” de aprendizagem, de acordo com o Procedimento de Desenhos-Estórias de W. Trinca. Trata-se de uma menina de 09 anos e sete meses, cursando o segundo ano do Ensino Fundamental I. Essa criança será identificada com nome fictício, para que sua identidade seja preservada.

Além dos desenhos, foi solicitado que contasse uma história, de acordo com o desenho feito.

Somente após a realização dos desenhos, foi pedido à professora que descrevesse dados sobre a criança e seu relacionamento com amigos e familiares.

Essa criança não está em processo terapêutico, por meio dos quais mais dados poderiam ser obtidos, mas sim apenas como sujeito participante.

PROCEDIMENTO DE DESENHOS-ESTÓRIAS

Na década de 70, os testes projetivos desempenhavam uma função decisiva e muitos deles foram se transformando e se adaptando como modalidades de investigação. Nesse contexto histórico, nasceu o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E), com o surgimento do D-E e apareceu uma nova visão no diagnóstico psicológico.

Segundo TRINCA (1997), o Procedimento de Desenhos-Estórias (D-E) foi introduzido em 1972, para auxiliar o conhecimento da vida psíquica, tendo por base desenhos livres e o recurso de contar histórias. Esse procedimento ajudou a consolidar uma nova maneira de encarar o processo diagnóstico clínico, passando-se a se impor fortemente o processo de tipo compreensivo. Ele vem sendo usado no contexto psicopedagógico como meio de contato, investigação e tratamento, além de auxiliar na focalização dos processos mentais emergentes.

“... não convém limitar o exame psicológico aos testes, pois é fundamental que as crianças tenham ampla oportunidade de “falar indiretamente de si”, sem que se sintam “testadas” ou restrita a situações padronizadas. Por isso, idealizamos um procedimento em que sujeitos se comunicam através de desenhos e jogos (visto que contar histórias é um “jogo verbal”), seja de maneira livre (nos desenhos e histórias), seja dirigida (nos “inquéritos” e títulos), ao modo dos testes projetivos gráficos e temáticos. É isso que caracteriza a posição intermediária do procedimento de desenhos-Histórias. (Trinca, 2003, p. 33).

OBJETIVOS

O Procedimento de Desenho-História tem como objetivo verificar como as representações gráficas e verbais feitas pelas crianças estariam relacionadas à forma de aprender e às possíveis dificuldades de aprendizagem. Investigar os aspectos da dinâmica da personalidade, proporcionar meios de incentivar a expressão e a comunicação de conflitos e perturbações inconscientes.

APLICAÇÃO

A aplicação do Procedimento de Desenhos-Histórias é bastante simples. Solicita-se à criança que realize uma série de cinco desenhos livres seguidamente: após a realização de cada desenho, solicita-se que conte uma história livremente, baseada no desenho que acabou de fazer. Tendo concluído o desenho-história, o terapeuta faz alguns esclarecimentos que julgar necessários de

acordo com o desenho e com a história que a criança contou (inquérito). No final pede-se que de um título ao seu desenho. A aplicação do procedimento é individual, deve haver silêncio, instalações confortáveis, iluminação adequada e ausência de terceiros na sala.

MATERIAL NECESSÁRIO

- Folhas brancas de papel sulfite
- Lápis grafite preto
- Caixa de lápis de cor

AVALIAÇÃO E INTERPRETAÇÃO

“O D-E tem condições de agilizar a compreensão diagnóstica, o planejamento terapêutico, a definição do foco da atuação terapêutica e o caminho a ser percorrido pelo psicoterapeuta”. (TRINCA, 1997 p. 62).

Os desenhos, as histórias, as perguntas e respostas “inquérito” e o título, devem ser avaliados como um processo unitário de comunicação, pois constituem uma unidade de comunicação. Esse procedimento possui um material rico para efetuar uma análise dos aspectos formais e estruturais do sujeito.

A seguir, abordarei a avaliação e interpretação desse procedimento. O referencial de análise e interpretação que será explicado a seguir é um referencial apresentado por Walter Trinca (1997 e 2003).

- ATITUDES BÁSICAS

São atitudes em relação a si próprio e ao mundo.

Relação a si próprio – identidade pessoal, imagem e consciência corporal, autoimagem, atitudes em relação ao crescimento, autossuficiência, liberdade etc.

Relação ao mundo – submissão, domínio, autonomia, necessidade de êxito, insegurança, inibição, oposição, hostilidade, perfeccionismo, egocentrismo etc.

As atitudes acima foram subdivididas em cinco grupos, que são:

1. *Aceitação* – são as necessidades e preocupações com a aceitação, como: êxito, crescimento, atitudes de segurança, domínio, autonomia, autossuficiência e liberdade;
2. *Oposição* – desprezo, hostilidade, competição, negativismo, não colaboração, desconsideração e rejeição aos outros;
3. *Insegurança* – necessidade de proteção, abrigo e ajuda, atitudes de submissão, inibição, isolamento e bloqueio; percepção do mundo como desprotetor, medo de não conter os impulsos, dificuldades em relação ao crescimento;
4. *Identificação positiva* – sentimento de valorização, autoimagem, e autoconceito reais e positivos, busca de identidade e identificação com o próprio sexo;
5. *Identificação negativa* – sentimentos de menos valia, incapacidade, desimportância, identificação com o outro sexo, autoimagem idealizada ou negativa e problemas ligados à imagem corporal.

- FIGURAS SIGNIFICATIVAS

1. *Figura materna positiva* – objeto bom e sentimentos positivos em relação à mãe, como: mãe protetora, presente, afetiva etc;
2. *Figura materna negativa* – objeto mau e sentimentos negativos em relação à mãe, como: ausente, rejeitadora, ameaçadora, exploradora etc;
3. *Figura paterna positiva* – sentimentos amorosos e atitudes favoráveis em relação ao pai;
4. *Figuras paternas negativas* – sentimentos negativos em relação ao pai;

5. *Figuras fraternas (ou outras) positivas* – aspectos de relacionamento positivo com os irmãos (outros) como: cooperação, igualdade, colaboração etc.
6. *Figuras fraternas (ou outras) negativas* – aspectos de relacionamento negativo com irmão (outros) como: competição, rivalidade, conflito etc.

- SENTIMENTOS EXPRESSIVOS

1. Sentimentos derivados do instinto de vida – esses sentimentos são mais construtivos como amor, alegria, energia, instinto sexual, conquista, sentimentos de mudança construtiva etc;
2. Sentimentos derivados do instinto de morte – esses sentimentos são os destrutivos como ódio, inveja, ciúme persecutório, desprezo etc.
3. Sentimentos derivados de conflito – são sentimentos ambivalentes, que surgem da luta entre os instintos de vida e os instintos de morte, como: medos de perda e de abandono, solidão, tristeza, sentimentos de culpa etc.

- TENDÊNCIAS E DESEJOS

1. Necessidades de suprir faltas básicas – desejos de proteção e abrigo, de compreensão, de ser cuidado regressivamente, de ser contido etc;
2. Tendências destrutivas – desejo de vingança, de atacar, de destruir, de separar os pais, de poder, de hostilidade etc;
3. Tendências construtivas – necessidade de cura, de aquisição, de realização e autonomia, de construtividade, desejos de canalizar energia sexual e agressivas, de recuperar partes sadias etc.

- IMPULSOS

1. Amorosos – reparação, ajuda, gratificação etc;
2. Destrutivos – abandono, morte, aniquilamento, ataque etc.

- ANSIEDADES

1. Paranóide – medo de castigos, de ser abandonado, desaprovação, falta de afeto etc. É uma ansiedade vista como uma ameaça, um perigo;
2. Depressiva – medo de ter destruído ou danificado o próprio objeto, medo de danificar o ego.

- MECANISMOS DE DEFESA

Negação, repressão, regressão e estágios primitivos, racionalização, formação reativa, projeção, negação/anulação, isolamento, deslocamento, idealização, sublimação, negação maníaca ou onipotente.

KAMILA UMA REPETIDORA VORAZ

Breve histórico

Kamila tem nove anos e sete meses, está cursando o segundo ano do Ensino Fundamental; pelo relato de sua tia, sua mãe apresenta problemas mentais de nível leve (bloqueio mental); a gravidez foi muito agitada, pois não era uma gravidez esperada e desejada. Não houve amamentação no peito (a mãe não quis amamentar). Rejeitou a filha ao nascer, tentando até afogá-la na banheira na hora do banho. A mãe fez tratamento psicológico por mais ou menos dois anos. Hoje, devido ao tratamento psicológico e à família, principalmente à tia, que esta sempre cobrando atitudes da mãe, esta encontra-se mais presente na vida de Kamila, mas não o suficiente. Para ficar mais próxima da mãe, Kamila tenta imitá-

la, muitas vezes pula e começa a gritar sem motivo, tudo que sua mãe faz ela procura copiar. Não conhece o pai e mora com sua mãe, sua avó e seu avô.

Pelo relato da professora ela é uma criança bem fechada, não consegue se relacionar com as pessoas em sua volta, não tem o costume de conversar com seus colegas de sala, preferindo muitas vezes se isolar. Possui algumas manias como pular e correr sem motivo, não tem atitudes próprias, procura copiar tudo o que uma colega de sala faz, até mesmo copiar o nome dessa amiga em sua própria atividade de sala. Os colegas às vezes perdem a paciência com ela, exatamente por ela copiar tudo o que eles fazem, principalmente em brincadeiras no pátio. O seu comportamento oscila bastante. Há dias que vai à escola muito deprimida, chegando até a chorar durante o período (muitas vezes não consegue expor o que está sentindo), não conseguindo executar nenhuma atividade proposta, e dias em que vai mais animada, conseguindo realizar todas as atividades propostas. Possui muita dificuldade em matemática, não tem concentração nas atividades. Realizou seus desenhos em dois encontros.

A seguir apresentarei suas produções.

Primeira unidade de produção. (Anexo 1)



História: Não quis contar uma história, ficou bem tímida, abaixou a cabeça e começou a mexer nos lápis que estavam em cima da mesa.

A partir dessa negativa, passei para o inquérito.

Inquérito:

O que você desenhou?

“Eu (boneco do meio) e minha mãe (boneco maior)”.

O que vocês estão fazendo?

“Passeando”.

Onde?

“No parque”.

Quem gosta de ir ao parque?

“Eu”.

kamila voltou a desenhar.

O que você está desenhando?

“Meu primo”.

O que sua mãe está fazendo?

“Indo no parque comigo”.

O que vocês fazem no parque?

“Eu brinco em todos os brinquedos”.

Sua mãe brinca no parque?

“Brinca. Vai na montanha russa comigo e só isso”.

Quem leva você no parque?

“Minha tia”.

Como é sua tia?

“Boazinha”.

Você quer falar mais alguma coisa sobre o desenho?

“Não”.

E essa casa de quem é?

“É minha casa”.

“Ah, não, essa casa é da minha tia”.

“Não é minha, porque às vezes eu to indo pro parque e volto para casa”.

Você gosta dessa casa?

“Sim”.

Do que você mais gosta?

“Do meu quarto, das bonecas e só”.

Só, por quê?

“Porque sim”.

Não quer mais falar?

“Não”.

Dê um título para o seu desenho.

Título – A minha mãe levou eu e meu primo para passear.

Comentários: Kamila não apresentou resistência ao ser solicitada a desenhar. Ficou bem concentrada durante o trabalho. Durante a realização do mesmo, não falou nada, algumas vezes olhava para os lados e mexia nos cabelos. Kamila procurou o lápis grafite e começou o seu desenho pelo sol, as nuvens, a casa e as árvores; ao ser solicitada a contar uma história sobre o seu desenho, ficou quieta, pegou a folha e voltou a desenhar; desenhou as figuras humanas na parte inferior da folha.

Nota-se, na sua primeira unidade de produção, as atitudes básicas de insegurança (inibição, isolamento e bloqueios), na qual os seus olhos são grandes, o que pode indicar curiosidade em ver o mundo de uma outra forma, mas mostra-se com medo. Quanto às figuras significativas, estão presentes três figuras humanas, duas femininas, sendo uma sua mãe, a figura materna positiva, e uma fraterna positiva, que é seu primo. Todos estão indo ao parque para passear. De seus sentimentos, derivam os sentimentos de vida, como alegria. Na idade em que Kamila está, os sentimentos derivados do instinto de vida ocorrem de modo predominante. Nas tendências e desejos, percebi a necessidade de suprir as faltas básicas, como a de ser cuidada regressivamente, de afeição

primitiva, denotando aspectos regressivos. Em seus mecanismos de defesa, percebi isolamento, como podemos ver no desenho de sua casa, pois é totalmente fechada, suas janelas, são fechadas o que pode indicar que Kamila está fechada em seu próprio mundo, ou não consegue entrar em sua própria casa. O que fica marcante é que sua mãe aparece de modo positivo, mesmo com todo o quadro de rejeição relatado pela tia.

Segunda unidade de produção (Anexo 2)



História: Não quis falar, preferiu escrever. (Anexo 3)

“Era uma vez a minha tia Laura ligo para minha casa convidando eu para sair e eu fui ao parque com ela depois eu fui com ela pro MC Donald e tomei um lanche no MC depois ela leva eu para minha casa e fim da história do meu desenho”.

Após a história, passei para o inquérito.

Inquérito:

Quem são essas pessoas do seu desenho?
“Eu e minha tia”.

O que ela faz?
"Trabalha".

Trabalha em quê?
"Vende livros".

Você gosta dela?
"Sim".

Do que você mais gosta nela?
"Que ela me leva para passear e para piscina dela".

E do que você não gosta nela?
"Que ela não me leva para passear".

O que ela está fazendo agora?
"Ela ta levando eu para o parque".

Leva sua mãe junto?
"Sim".

O que sua mãe faz?
"Limpa casa, passa pano, me ensina na lição e só".
"Não quero mais falar".

O inquérito foi menor, pois Kamila recusou-se a falar.

Após o inquérito, pedi que desse um título ao seu desenho.

Título: A minha tia levou eu para passear.

Comentários: Ao ser solicitada a contar a história ficou nervosa e preferiu escrever. Ficou mais ou menos dois minutos pensando no que iria escrever, durante esse período ficou com o lápis na boca. Insisti pela história, falei que poderia começar falando a respeito do desenho que fez. Foi quando pegou a folha e o lápis e começou a escrever. Quando conversava com ela, não olhava para mim, ficava brincando com os lápis. Na sua segunda unidade de produção, sua atitude básica também foi de insegurança, seus olhos novamente grandes estão abertos para ver coisas novas, mas ela demonstra insegurança. As figuras significativas são femininas fraternas positivas e seus sentimentos são novamente

derivados de instinto de vida, amor e alegria. Em relação às tendências, são para suprir suas faltas básicas, seus impulsos são amorosos, o que é predominante em sua idade; novamente seu mecanismo de defesa é o isolamento. Kamila apesar de mostrar um bom relacionamento com a figura materna positiva, por exemplo, o sol do lado esquerdo, indica o vínculo com a mãe, mas será que existe um vínculo ou é a Kamila que quer ter esse vínculo? pois, ela mostra constantemente que sua figura significativa é a tia, a figura fraterna. Nesse sentido notei novamente a figura materna negativa, que é a mãe ausente.

Terceira unidade de produção (Anexo 4)



História: Novamente não quis falar, preferiu escrever. (Anexo 5)

“Era uma vez um dia eu, minha mãe e o meu vovô e a minha avó fomos para praia tomar sorvete e nós fomos, daí eu minha mãe, meu vovô e minha vovó andamos na água e nadamos dentro da água e depois eu, minha mãe, meu vovô e minha avó fomos embora da praia e fim da minha história e fim do meu desenho”.

Inquérito:

Quem são essas pessoas do seu desenho?

“Minha mãe, eu, meu vovô e minha avó”.

O que estão fazendo?

"Tão sentados na mesa da praia".

Fazendo o que?

"Chupando sorvete e indo na água".

Quem entra na água?

"Minha mãe, eu, meu avô e minha avó".

Quantas vezes você foi à praia?

"Duas".

O que sua mãe faz?

"Trabalha".

Trabalha onde?

"No escritório da minha tia".

O que ela faz lá?

"Fica limpando, passa no chão, limpa as estantes".

O que você mais gosta de fazer

"Chupar sorvete".

Com quem você gosta de sair?

"Com minha tia".

Por que você gosta de sair mais com sua tia?

"Porque ela me leva no parque, me leva na casa dela que tem piscina".

Quem é a pessoa mais boazinha da sua família?

"Minha mãe".

O que ela faz para ser a mais boazinha?

"Ela vai passear comigo, ela compra sorvete".

No seu desenho, todos os personagens estão ligados por uma linha. Por que você os ligou?

Não respondeu à pergunta, ficou quieta, abaixou a cabeça e se recusou a falar.

Diante dessa negativa, pedi que desse um título ao seu desenho.

Título: Eu, minha mãe, meu avô e minha avó fomos tomar sorvete.

Comentários: Uma criança muito fechada, não consegue conversar, se questionada por algo que mexe com seus conflitos internos abaixa a cabeça e responde bem baixo, ou não responde. Nesta terceira unidade de produção, suas atitudes básicas, além de insegurança (proteção e abrigo) podem ser também de aceitação (necessidade e preocupação com a aceitação). Observa-se, em seu desenho, que suas janelas continuam fechadas e dentro das janelas há outras janelinhas também fechadas e, ao mesmo tempo em que ela demonstra seu isolamento, bloqueios e seus medos, demonstra curiosidade em ver ou mudar seu mundo por meio de seus grandes olhos. Essa sua produção assemelha-se à primeira. A figura de sua casa, nessa produção, está maior, o que pode querer dizer que hoje Kamila está mais emotiva. Suas figuras significativas são mais fraternas do que maternas, mas são positivas, seus sentimentos expressivos são derivados do instinto de vida projetada à tendência de suprir faltas básicas. Nesta unidade, notei que todas as figuras humanas estão ligadas umas as outras por uma linha, podendo ser uma idealização de seu mecanismo de defesa.

Quarta unidade de produção (Anexo 6)



História: Novamente preferiu escrever. (Anexo 7)

“Era uma vez eu, minha amiga Rafaela, ligo para minha casa um dia de sol e ela falou para colocar o meu biquíni para sair e para ir na piscina da tia Laura e eu fui para piscina, mas ela tinha colocado o biquíni também e nós fomos para piscina da casa da minha mãe foi leva e deixou nos lá na piscina e depois ela foi na casa da minha tia Laura e ela foi busca a gente”.

Inquérito:

O que você desenhou?

“Eu minha amiga Rafaela na piscina da tia Laura”.

Quem é essa sua amiga?

“Não é da escola”.

É de onde?

“Mora perto da minha casa”.

O que vocês fazem na piscina?

“Nadando, brincando, mergulhando”.

Vocês brincam bastante?

“Brinca de bola na piscina”.

Quem leva essa amiguinha para brincar com você?

“Minha tia”.

E sua mãe também leva essa amiguinha para brinca com você?

“Minha mãe, meu avô, minha avó também leva”.

Você gosta dessa sua amiga?

“Gosto”.

O que ela faz?

“Ela brinca comigo, brinca de pega-pega”.

Quantos anos ela tem?

“Seis anos eu acho”.

Ela é maior ou menor que você?

“É menor”.

Como é a mãe dela?
"A mãe dela é legal também".

Quem é mais legal, a mãe dela ou sua mãe?
"A mãe dela".

Por que a mãe dela?
"Porque ela leva a gente chupar sorvete".

E sua mãe não leva vocês para chupar sorvete?
"Leva também".

A mãe da Rafaela deixa ela sair com sua mãe?
"Deixa".

Aonde sua mãe leva vocês para passear?
"No Parque da Xuxa".

Quem leva vocês no Parque da Xuxa?
"Ninguém, a gente vai sozinha"..

Título: Eu e minha amiga Rafaela fomos na piscina da tia Laura.

Comentários: Nesta quarta unidade de produção, repetem-se as atitudes básicas de insegurança e a presença da figura significativa fraterna positiva (amiga que está no desenho) e sua tia, relatada em seu conteúdo verbal. A sua representação gráfica e verbal mostra a importância que sua tia tem em sua vida, pois a piscina é da casa de sua tia (a tia que cuida, a tia que leva para passear). Seus sentimentos expressivos são derivados do instinto de vida com tendências em suprir faltas básicas, seus impulsos são amorosos, com necessidade de amparo e proteção, devido ao fato de ter faltado em todo o seu desenvolvimento um holding significativo daqueles que foram encarregados de fazer sua maternagem e paternagem. Um desenho simples, mas com muito simbolismo para Kamila. Ela está pintada de laranja, o que pode significar que quer brilhar, pois o laranja é uma cor quente e expressa necessidade de contato social, uma necessidade de Kamila. Ela tem uma perspectiva de mudança há um anseio de mudar e uma possibilidade de vislumbrar uma transformação.

Análise geral

De modo geral, à medida que o D-E foi sendo realizado, seus conflitos internos, a dificuldade de lidar com a figura materna foi aparecendo. Apesar de surgir de um modo positivo, notei sua preferência pela tia e até mesmo pela mãe de sua amiga.

É possível perceber o seu pedido de ajuda, mas ela parece acreditar que apenas os objetos idealizados, podem conter suas angústias. O uso acentuado da idealização denuncia a presença da ansiedade. Todo o quadro indica que Kamila tem urgência de contato social e de um fortalecimento interno de sua própria identidade.

Posso dizer que, em relação aos desenhos, à posição e à distribuição na folha, estão dentro do esperado, são coloridos e com vida. Há dois desenhos bem parecidos, o que pode querer dizer que ela não aceita uma determinada situação de sua vida e pode servir também para nos fazer saber o que a incomoda.

Kamila é sensível ao seu ambiente, é consciente de que sua vida contém muitos momentos agradáveis, mas outros mais difíceis. As nuvens em seus desenhos fazem parecer um bom tempo, ainda que o seu ambiente geral não pareça coincidir em alguns pontos. Parece-me que as causas dos sintomas de Kamila encontram-se na dinâmica familiar conturbada, em que a mãe não lhe dá a atenção/afetiva necessária. Chamat diz:

“Queremos apontar que os estímulos desagradáveis que o bebê tenha vivenciado na vida intrauterina repercutirão negativamente no seu processo de vinculação afetiva e, muitas vezes, com o conhecimento, pois este se constitui, para um ego fragilizado, em um estímulo que pode reproduzir as mesmas sensações anteriores e posteriores ao nascimento”. (Chamat, 2004. p. 91).

O que parece é que Kamila quer a mãe perto dela, por isso a imita constantemente, chegando até a não ter sua própria identidade. Em quase todos os seus desenhos, a mãe aparece, mas quem está presente em sua vida é a tia. Um detalhe interessante em seus desenhos são as portas e as janelas, que estão fechadas; esses são dois elementos que mostram o contato com o mundo e é exatamente como ela é, “fechada”. Portanto, Kamila revela uma vivência depressiva, com intensa angústia de insegurança. Os seus sintomas mostram essa angústia principalmente em relação à figura materna. Ela não consegue conter seus impulsos e desejos, idealiza uma figura materna positiva. Os seus mecanismos de defesa sempre são de isolamento. Seu desenvolvimento está comprometido, não expressa seus conflitos internos com clareza, precisa a todo instante de alguém ao seu lado para que possa se identificar e se motivar. Apresenta falta de recursos e carência de bons objetos que possam ajudá-la com fortes indícios de retração, inibição e dispersão.

Observei em Kamila, uma série de problemas quanto a circulação de conhecimento no âmbito familiar, o que pode me permitir supor a existência de um problema de aprendizagem a nível familiar. Ela encontra-se no estágio pré – operacional e sua modalidade de aprendizagem é hiperacomodatória.

Hiperacomodatória porque há uma superestimulação da imitação, por isso não consegue expressar sua criatividade, seus gestos espontâneos e é muito reprimida para construir ou transformar algo, embora sinta uma necessidade de fazê-lo. Ela pode cumprir com a consigna, mas não dispõe com facilidade de suas expectativas nem de suas experiências prévias, há uma pobreza de contato com a subjetividade e falta de iniciativa.

Posso considerar o problema de aprendizagem dela como sintoma. Sintoma no sentido de que o não aprender não configura um quadro permanente e sim um quadro de comportamento afetivo/emocional, no qual houve uma descompensação, e por isso lhe dificulta o aprender, mas por outro lado, vejo que algo lhe permitiu e lhe permite aprender.

Geralmente, os problemas de aprendizagem estão ligados a perturbações precoces, o que pode determinar a inibição dos processos impedindo a integração

que possibilita a aprendizagem. É o caso dela, pois de acordo com os relatos acima, ela passou por várias perturbações em sua vida, desde a gestação até o presente momento, por isso, possui todo um quadro de dificuldade na área escolar. Devido a isso, os seus problemas de aprendizagem não podem ser considerados como “erros”, porque são perturbações produzidas durante a aquisição de seu conhecimento.

Encaro a aprendizagem como um processo e uma função, que vai além da aprendizagem escolar e que não se circunscreve exclusivamente à criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Creio que agora posso revelar como via as representações gráficas das crianças e como as vejo agora. Deixei-me penetrar num mundo primitivo e envolver-me nele, para depois poder transmitir algo.

A maioria dos primeiros pesquisadores sobre os desenhos de crianças estavam interessados em suas características gerais, em saber por que elas ocorrem e como se modificam ao longo do tempo. Porém, há outra tradição, que cresceu na década de 20, época em que os testes psicológicos estavam sendo elaborados para uso em contextos educacionais ou clínicos. Essa tradição se concentra naquilo que os desenhos podem revelar sobre as capacidades ou o estado mental de uma criança como indivíduo.

Por meio de pesquisas sobre o tema, notei a importância de ser feito um levantamento histórico sobre o mesmo considerando a teoria psicanalítica, a psicologia infantil e a psicopedagogia. Tendo em vista os aspectos estudados, concluí que a arte é a primeira linguagem do homem, pois antes de escrever o homem primitivo fez seus desenhos nas cavernas e nas pedras, assim como acontece com as crianças.

Toda criança é capaz de desenhar e submetê-la a uma prática voltada ao treino de suas habilidades pela cópia de modelos de imagens é sufocar o desenvolvimento desta linguagem, é contribuir à inibição do traço espontâneo.

A criação artística e o crescimento psíquico parecem sobrepor-se. Parecem ser processos similares, cuja origem pode ser encontrada, talvez, na posição depressiva precoce. No entanto, para a criança, esta é obrigada a utilizar o objeto para sair da relação interna, a fim de criar ela mesma e recriar simbolicamente seu mundo. O desenho infantil é o resultado da interpretação espontânea da aprendizagem global, da conquista da organização estruturada do gesto e do manuseio adequado dos materiais e das cores.

Na prática psicopedagógica, deparei-me, várias vezes, com episódios nos quais as crianças nos revelam, pelo desenho, pelo traçado, as suas limitações ou

dificuldades reais em relação à escola ou à sua vida familiar. Ao elaborar ou expressar a mensagem/desenho, a criança pode fazê-lo conscientemente ou inconscientemente, e o papel em branco passa a ser o elo, o mediador entre quem desenha e a quem o desenho é mostrado. Portanto, o psicopedagogo necessita de sutileza e sensibilidade no trato com as crianças. Necessita também de extrema perspicácia, pois mudanças de humor, problemas familiares, dificuldades em relação à tarefa, desafeto, identificação com a figura do professor, ou desinteresse são algumas reações e sinais que podem ser expressos por meio do desenho. Cabe ao psicopedagogo ter o olhar e a escuta psicopedagógica em sintonia.

Ao utilizar o desenho infantil na investigação e na intervenção psicopedagógica, o psicopedagogo deve observar os elementos que o compõem para que possa, então, estabelecer aspectos expressivos e projetivos, que permitirão uma análise mais ampla, possibilitando-lhe traçar estratégias para uma terapia mais eficaz.

O desenho não serve apenas para treinar as habilidades motoras, é muito mais que isso, é por meio dele que a criança desenvolve sua capacidade de percepção da realidade.

Podemos dizer que a expressão gráfica que a criança faz e traz consigo, inevitavelmente é o estado em que a mesma se encontra naquele momento. Esse estado permanece pronto para que os vejam e leiam todos aqueles que são capazes de compreender tal linguagem.

Pensar positivamente as progressivas conquistas que a criança alcança significa nos surpreendermos permanentemente com suas realizações.

Nesta pesquisa, o desenho-estória foi considerado não como fator único, mas como um instrumento de fundamental importância na investigação e intervenção psicopedagógica e como um recorte de meu interesse, dentre tantos outros aspectos de utilização na psicopedagogia.

Utilizei-me neste estudo, para uma observação mais prática dos aspectos levantados teoricamente, do Procedimento de Desenhos-Estória de Trinca (1997), considerando que isso tenha facilitado o discurso feito pela participante a respeito

de conflitos vividos no meio escolar, familiar, em fantasias inconscientes sobre figuras significativas e jogos de forças emocionais neste meio, de acordo com a proposta do procedimento.

A dificuldade de aprendizagem é compreendida, nessa concepção não como falha individual, mas como uma confluência de fatores, entre os quais a escola, a família e outras relações sociais mais amplas que também são consideradas.

Cumpri meu propósito de apresentar e discutir alguns aspectos relacionados à avaliação e interpretação do desenho como um instrumento de investigação e intervenção psicopedagógica e de forma alguma pretendo ter esgotado o assunto. Meu propósito foi somente proporcionar uma discussão a respeito das possibilidades de avaliação do Procedimento de Desenhos-Estórias, que se apresenta como um campo renovado de estudos a ser continuamente explorado.

BIBLIOGRAFIA

ALLESSANDRINI, C. D. Oficina criativa e psicopedagógica. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.

BÉRDARD, N. Como interpretar os desenhos das crianças. São Paulo, S.P: Isis, 1998.

CAMPOS, D. M. S. O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade. Petrópolis, R.J: Vozes, 2007.

CHAMAT, L. S. J. Técnicas de diagnóstico psicopedagógico: o diagnóstico clínico na abordagem interacionista. São Paulo: Vetor, 2004.

COX, M. Desenho da criança. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

DAVIS, M. WALLBRIDGE, D. Limite e espaço – Uma introdução à obra de Winnicott. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

FERNÁNDEZ, A. A inteligência aprisionada: abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

FERNÁNDEZ, A. Os idiomas do aprendente: análise das modalidades de ensinantes com famílias, escolas e meios de comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GREIG, P. Acriança e seu desenho: o nascimento da arte e da escrita. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KOLCK, O. L. V. Testes projetivos gráficos no diagnóstico psicológico. São Paulo: EPU, 1984.

MEREDIEU, F. O desenho infantil. São Paulo: Cultrix, 1979.

MEZAN, R. Escrever a clínica. 2^o ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PAÍN, S. Diagnóstico e tratamento dos problemas de aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 1985.

PIAGET, J. INHELDER, B. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Difel, 2007.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

PIAGET, J. Seis estudos de psicologia. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL. Ministério da Educação e do Desporto, secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.

RODULFO, R. Desenhos fora do papel: da carícia à leitura-escrita na criança. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

SALTINI, C.J.P. Afetividade e inteligência. Vol. 1: a emoção na educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SISTO, F.F. Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

TRINCA, W. Formas de investigação clínica em psicologia: procedimentos de desenho-estória: procedimentos de desenhos de família com estória. São Paulo: Vetor, 1997.

TRINCA, W. Temas básicos de psicologia. Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de apercepção temática. São Paulo: E.P. U, 2003.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WINNICOTT, D. W. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. Rio de Janeiro, R.J: Imago, 1984.

WEISS, M. L. L. Psicopedagogia clínica: uma visão diagnóstica dos problemas de aprendizagem escolar. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

ANEXOS

Anexo 1 – Primeira unidade de produção

Anexo 2 – Segunda unidade de produção

Anexo 3 – História

Anexo 4 – Terceira unidade de produção

Anexo 5 – História

Anexo 6 – Quarta unidade de produção

Anexo 7 – História